



## **Metanoia - Movimento Católico de Profissionais**

### **CONTRIBUTO DO METANOIA PARA O SÍNODO DOS BISPOS SOBRE SINODALIDADE**

O Metanoia - Movimento Católico de Profissionais é canonicamente uma associação privada de fiéis, afiliada na Pax Romana - MIIC movimento internacional de intelectuais católicos.

Como comunidade, este movimento é um espaço de encontro de pessoas, nas mais variadas circunstâncias de vida pessoal e profissional, procurando não separar interioridade e exterioridade, reflexão e vivência, princípios e ação, espiritualidade e cidadania. Sem programas conjuntos de ação social e política, nem orientações de índole profissional. Sendo parte da realidade social, dela partindo e a ela voltando, numa compreensão aprofundada e com a abertura e o empenhamento consequente.

Enquanto espaço de liberdade, de corresponsabilidade, de reflexão e partilha de vida, de conversão, de aprendizagem, cada pessoa é reconhecida e respeitada na sua individualidade e autonomia.

A convocação deste sínodo sobre a sinodalidade foi vivida no Metanoia, como um desafio a concretizar hoje, na senda iniciada pelo Concílio Vaticano II. Assim, apresentamos o fruto da nossa reflexão como contributo para a leitura dos Sinais dos Tempos e subseqüentes propostas de reestruturação de toda a Igreja.

#### **1. Leitura dos Sinais dos Tempos**

O diálogo e a comunicação entre os responsáveis da Igreja e o comum das pessoas, nem sempre é fácil e eficaz. Há uma dificuldade na comunicação, tanto no interior da Igreja, como para fora, para a sociedade.

Um dos maiores obstáculos a um estilo sinodal na Igreja é a forma como o poder é exercido, afastando os leigos, nomeadamente as mulheres, dos órgãos de decisão e corresponsabilidade, condenando-os a um estatuto de minoridade, gerador de passividade e subserviência.

O Concílio Vaticano II aprovou uma Eclesiologia de comunhão, onde a instância primeira de identidade é o Povo de Deus e não a sua hierarquia, porém a revisão do Código de Direito Canónico reforçou, na prática, o modelo de Igreja hierárquica.

Com vista a melhorar a comunicação e o diálogo, propomos:

Que se estudem formas de comunicação mais eficientes, para que a mensagem chegue às pessoas e as mobilize para uma real e efetiva participação, tanto na Igreja, como na sociedade;

Que os problemas da justiça social, pobreza, política, economia e ecologia, sejam temas habituais do discurso da Igreja, recentrando-o na promoção do bem comum;

Para esse efeito, valorizem-se as expressões de caridade existentes que refletem o Pensamento Social da Igreja, que precisa de ser mais conhecido e aprofundado.

Após o impulso de abertura dado pelo Concílio Vaticano II, a Igreja foi-se, progressivamente, fechando e afastando do essencial, por estar demasiado centrada “em programar e fazer coisas”.

Face a esta situação, é grande o desconforto que muitos fiéis sentem nas suas comunidades, não se identificando com as celebrações, sentindo que o discurso do clero é pobre e afastado da realidade.

A Igreja está descredibilizada na opinião pública, pelas suas posições anacrónicas face à evolução científica e à análise social, assim dificultando o anúncio da Boa Nova.

No seu relacionamento com a sociedade, a Igreja tem dificuldade em escutar, porque se preocupa demasiado com a sua imagem e fecha-se ao diálogo, numa atitude de defesa, falando a partir da sua suposta posição de poder com uma mentalidade clericalizada, que também está muito presente nos colaboradores mais próximos do clero.

A necessidade de ser desafiada para a “escuta ativa”, que este Sínodo pressupõe, demonstra a dificuldade de falar abertamente, escutar e acolher a diversidade sentida no seio da Igreja. Muitos leigos sentem-se ostracizados pelo clero na participação eclesial.

Propomos um maior cuidado na formação do clero e dos leigos, nas dimensões antropológica e teológica, visando uma profunda compreensão das diferentes dimensões e realidades humanas, reconhecendo-se que todas elas refletem a procura de Deus.

## **2. Recentrar a estrutura interna da Igreja como “sal da terra”.**

Verificamos que a formação catequética inicial não dota os jovens de bases essenciais para a compreensão da fé em Jesus Cristo, tanto ao nível do conteúdo, como da forma, decorrendo daí, em parte, o conseqüente afastamento da prática religiosa.

Propomos uma reforma da catequese, de modo a torná-la mais evangelizadora e menos moralizante. Importa ainda que se invista na transformação das famílias em Igrejas Domésticas capazes de transmitir e alimentar a fé.

A fé fortalece-se nas celebrações eucarísticas, por isso, estas devem permitir o encontro da comunidade e de cada pessoa com Deus.

Os atos litúrgicos são pouco participados, faltando-lhes beleza e alegria. As celebrações são rígidas, a linguagem está desatualizada e é de difícil compreensão. Nas Eucaristias, as homilias são, de modo geral, longas e pouco relevantes, tanto no conteúdo, como na forma. O tom é clerical e moralizante. A linguagem deve ser adequada à realidade dos fiéis, fomentando a reflexão e uma compreensão da realidade através da experiência de vida cristã.

Propomos uma reflexão profunda sobre as celebrações eucarísticas, tornando-as mais simples e sem ostentação. Os ritos devem ser explicados para evitar que se transformem num ritualismo desprovido de conteúdo.

Os ritos de passagem (batismos, casamentos, funerais) reúnem pessoas que, muitas vezes, estão distantes da Igreja, são, por isso, momentos privilegiados de encontro com a sociedade “fora de portas”, pelo que a celebração deve expressar a Boa Nova e não ser apenas mais um acontecimento socio-eclesial.

Para ter celebrações relevantes para a vida dos crentes é fundamental que os celebrantes tenham, também eles, vidas próximas do quotidiano de todos nós, sendo parte integrante da comunidade, para exercerem o seu ministério como irmãos e não como entidades hierárquicas e distantes.

Deve valorizar-se o pluralismo na Igreja, permitindo que o Espírito Santo fomente a diversidade de dons, encarados, nesta perspetiva, como uma Graça e não como uma ameaça à unidade.

Os leigos, tal como os seus pastores, adultos na fé e nas outras áreas da vida, são competentes para viverem em diferentes modelos de Igreja e expressarem as forma plurais de entender a sociedade e a política.

Consideramos que há uma intromissão abusiva na consciência dos fiéis com a temática da moral sexual.

Propomos que não se separe esta dimensão do resto da moralidade, com uma evidente valorização da consciência individual e conseqüente autonomia.

Atualmente, há diversas realidades familiares que são excluídas da participação eclesial, o que empobrece significativamente a Igreja e marginaliza uma parte dos fiéis.

Propomos uma plena integração dos recasados no acesso aos sacramentos e à vida comunitária, bem como dos católicos LGBTQI+.

De modo a abraçar a diversidade de carismas e vocações, propomos o fim da obrigatoriedade do celibato dos padres. Defendemos que este deveria ser opcional, evitando sofrimento escusado aos envolvidos.

Preocupa-nos constatar que o desempenho de funções e ministérios eclesiais: na teologia e na pastoral, não é representativo. As mulheres, consagradas e leigas, são, a maior parte das vezes, relegadas a ministérios e tarefas com pouca expressão no que ao rumo da Igreja diz respeito. Verificamos que ainda existe uma barreira ao acesso das mulheres a cargos de decisão e de responsabilidade.

Propomos, assim, que se promova a plena integração das mulheres nas funções executivas e decisórias da Igreja, e o conseqüente acesso destas ao diaconado e ao presbiterado.

## **Conclusão**

Na fidelidade ao Evangelho, acreditamos que é necessário dotar internamente as estruturas eclesiais de uma abordagem mais aberta e abrangente, nos conteúdos e na forma. Para tal, importa estar disponível para procurar e reconhecer os sinais do Espírito Santo que sopra onde quer.